



NEGRITUDE OBLITERADA NOS POEMAS E NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

THE OBLITERATION OF NEGRITUDE
IN THE POEMS AND WORKS OF CAROLINA DE JESUS

Raffaella Andréa Fernandez¹

Resumo: Esse texto discute os mecanismos de obliteração da temática da negritude na publicação de Antologia pessoal (1996) de Carolina Maria de Jesus com foco em dois poemas fundamentais intitulados “Os feijoes” e “Negros”. A invisibilidade desses poemas expressa a força transgressora da palavra NEGRO, saída da pena emblemática de uma vivência afroscentrada. A contra narrativas da escritora foram forjadas ao longo das edições, camuflando esses conteúdos, assim como sua literalidade particular. Aspectos fundamentais que redefinem na atualidade seus procesos de criação para além do testemunho proveniente do “quarto de despejo”.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Poesia; Edição; Negritude.

¹ UFRJ/PACC. E-mail: raffaellafernandez@yahoo.com.br.

Abstract: The present article discusses the mechanisms of obliteration of the concept of negritude occurring in the publication of Personal Anthology (1996) by Carolina Maria de Jesus, with a focus on two fundamental poems, titled "Os feijões" (The Beans) and "Negros" (Negroes). The invisibility of these poems expresses the transgressive force of the word NEGRO, derived from the emblematic pen of an Afro-centred existence. The counter-narratives of the writer were forged throughout the editions, by whitewashing these contents, as well as their peculiar literality. These aspects are fundamental for redefining, in the present times, her creative processes, beyond the testimony coming from the "dumping room".

Keywords: *Carolina Maria de Jesus; Poetry; Edition; Negritude.*

A literatura não só mudou a minha vida. A literatura me curou. A literatura me deixa num nível de sanidade porque todas as emoções, todos os sentimentos vistos no dia a dia eles vão para o papel eles transformam aquele papel em mensagens, em caudal de mensagens para outras pessoas. Então, esse processo de você absorver as realidades, misturar com a sua interioridade e levar para o papel é um processo que me deixa assim num nível de sanidade. (Miriam Alves)²

Gostaria de iniciar minhas reflexões com um presente para Carolina Maria de Jesus (191?-1977): a citação de Novalis: *A poesia é aquilo que cura as feridas do entendimento*, pois foi seguindo essa trilha que a autodenominada "poetisa do lixo" recriou espaços de invenção para aplacar "as ideias que lhe vinham na sua cabeça", amortecendo a dureza de suas narrativas autoficcionais, na concretização desta sua frase, citada ao longo de seus manuscritos "meu sonho é escrever"³. No entanto, seus poemas não deixam de dialogar com as coisas mezinhas, expressando em alguns versos (anotados aleatoriamente em meio a seu mar de papéis) grandes *insights* de experiências e trânsitos, que lhe serviam de protótipo para seus romances ou crônicas-contos. Tudo misturado numa *mise en abyme* reconstituído em seus cadernos, que nos lembram os mantos e as *assemblages* do artista plástico Bispo do Rosário⁴.

Nas versões manuscritas, a poesia de Carolina de Jesus parece funcionar como uma medicina oracular, substanciada pela palavra, a comungar com um vocabulário que remete ao universo espiritual das canções kardecistas experienciadas no Colégio Allan Kardec de sua infância: elevação, devoção, fé,

² Entrevista da escritora Miriam Alves cedida para o Jornal da TVSP. Conf. <<https://www.youtube.com/watch?v=K_hke5F73w4>>

³ Faço referência a seu livro *Meu sonho é escrever* publicado em 2018.

⁴ Conf. FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Carolina Maria de Jesus e Arthur Bispo do Rosário: uma poética do desperdício na construção da identidade artística. *Estud. Aceso. Bras. Contemp.* [conectados], 2017, n. 50, p.221-236.

Deus, contemplação, caridade, adoração, glória, benevolência, desventura, complacência, castigo, enfermidade, insipiência, infortúnio, ingratião, evocação, Jesus, mácula, obsidiação, consolo, prodigalidade, proteção, relicário, entre outras. Dialoga também com a escuta das falas nos bondes e com os sotaques espalhados pelas ruas, becos e vielas da cidade de São Paulo, em seu processo de formação cosmopolita, durante o período modernizador nos idos de 1940, acompanhado criticamente pela escritora.

Não podemos deixar de citar o extenso diálogo com os poetas românticos e parnasianos lidos por ela durante toda sua vida, como por exemplo no poema “Vidas” cujos versos citam diversos escritores, com destaque para Camilo Castelo Branco, que nos permite, a partir dessa referência, pensarmos em biografismos presentes no ato poético de Carolina de Jesus, por onde alinhavamos todo seu processo de criação. Penso em seu conto “Onde estaes felicidade?”, publicado em 2014, que pode ser lido como um desdobramento de sua leitura do romance *Onde está a felicidade?* de Camilo Castelo Branco (1856). A escritora também toma de empréstimo deste autor a prática de escrever prólogos para seus romances. Escritos em seus cadernos como abertura de obras que desejava publicar, como podemos ler alguns deles publicados em *Meu sonho é escrever* (2018).

Concomitantemente a esses atravessamentos discursivos e bioescritos, seus poemas também expurgam do corpo negro a palavra – escrita aqui – como fonte de protesto e resistência, mas que muitas vezes reforçavam valores discriminatórios de uma sociedade corrompida por uma suposta superioridade eugênica; valores introjetados no discurso de Carolina de Jesus, como podemos ler num verso do poema “O expedicionário” *Nas guerras os homens embrutecem/ E quantas vidas fenecem!! Que ator negros e brutais!* (JESUS, 1996). Todavia, esta é uma referência duvidosa quando se recorre aos poemas publicados, mediante a acusação de que Carolina de Jesus não tenha escritos poemas em defesa de sua negritude. Entretanto, ao conhecermos os poemas que não entraram na publicação da “antologia pessoal”, tais como os poemas “Negros” e “Os feijões”, isto é, textos fundamentais na decifração de uma voz negra em luta e resistência, mesmo ainda que permeada por valores da branquitude⁵, e que foram obliterados da publicação realizada vinte anos após seu falecimento, nós

⁵ A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivos, isto é, materiais palpáveis que colabora para a construção social e a reprodução do preconceito racial, discriminação racial injusta e o racismo (MÜLLER; CARDOSO, 2017, p.281).

encontramos uma voz soberana que, inclusive, trata de assuntos atuais como a integração e o direito dos negros ao acesso às universidades públicas.

Desse modo, nessa análise parto do cotejo das obras publicadas, manuscritos e datiloscritos pertencentes ao espólio literário de Carolina de Jesus na recolha de poemas que sua negritude, e, que curiosamente foram excluídos do processo de edição realizado em *Antologia pessoal*. Livro que, não à toa, carrega no original o título de *Clíris*, outra menção ao universo semântico de cura para além do entendimento da acepção de Novalis, também praticada por Carolina de Jesus. Como veremos adiante na discussão dessa palavra escolhida para dar título a um livro de poemas, bastante cara às minhas descobertas no percurso de uma pesquisa infundável desse projeto literário bastante complexo. Por fim, pretendo dar curso a essa discussão colocando em evidência possíveis motivos pelos quais as escolhas editoriais foram realizadas, assim como as implicações dos recortes da temática do negro, seja no conteúdo ou na forma de seus textos, violentamente solapada por seus editores ao longo das edições de seus variados títulos.

Antologia pessoal é um livro póstumo, organizado pelo pesquisador da oralidade José Carlos Sebe Bom Meihy e revisado pelo poeta Armando Freitas Filho, publicado pela editora UFRJ em 1996. No estudo dos originais, realizado em minha pesquisa de doutorado⁶, observei que não haveria apenas um livro original de poemas, mas duas versões finais, compostas por 101 poemas cada, além de diversos poemas e versos curtos registrados em quase todos os seus cadernos, escritos nas capas ou mesmo nos fólios. As versões dos dois livros de poemas definidos por Carolina de Jesus estão precedidas de prólogos, redigidos por ela com algumas alterações de conteúdo. Assim, pode-se notar, que a versão publicada com 80 poemas não corresponde minimamente aos intentos gerais de Carolina de Jesus, como, por exemplo, o título do livro, que deveria ser, segundo ela, “Clíris”. Tampouco vem acompanhada de um dos dois importantes preâmbulos, que prescreveriam sua inserção no universo literário, com as respectivas dimensões de seu impacto enquanto autoria negra.

Nos dois prólogos, Carolina de Jesus expõe as feridas da condição de uma escritora negra, pobre e, conseqüentemente, marginalizada do mundo editorial. Discute, por sua vez, o lugar do excluída e os percalços dos processos de escrita experienciados por uma “poeta do lixo” (segundo sua autoirônica denominação) em contraposição às escritoras de “unhas esmaltadas” e “luvas de pelica”,

⁶ Conf. Fernandez, 2015.

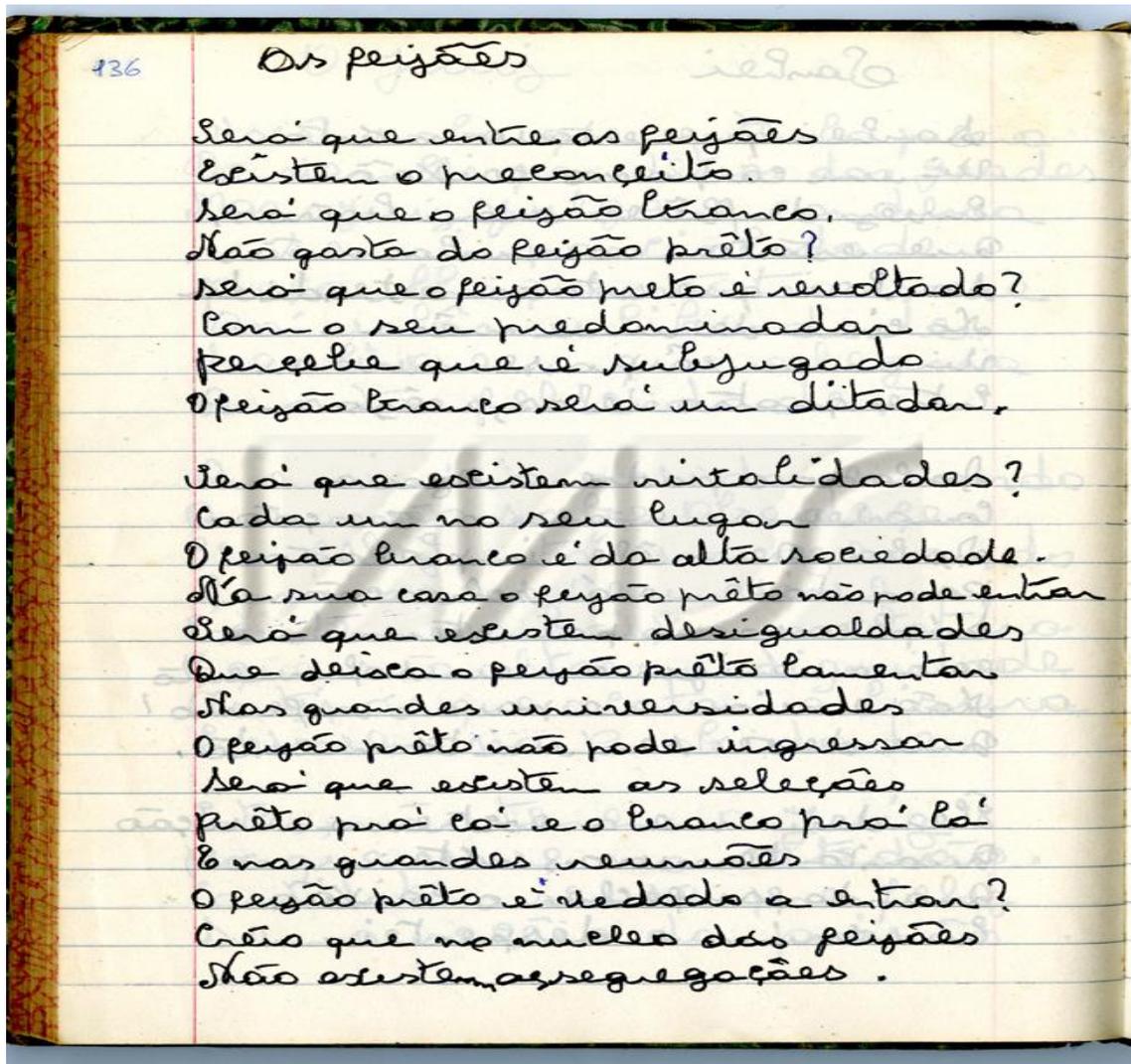
residentes em “casas de alvenaria”. Vale dizer que o mesmo termo “casa de alvenaria” foi antes abordado por Lima Barreto, possivelmente lido ou ao menos conhecido por Carolina de Jesus, uma vez que, como sabemos, nos anos de 1950 este autor estava em processo de visibilidade no Brasil⁷.

De volta à versão do prólogo, encontrado nos cadernos do IMS onde Carolina de Jesus narra a descoberta de sua “aptidão literária”, afirmando sua relação de longa data com a literatura e sua posição de escritora numa sociedade excludente. Nesta versão, há poemas que foram omitidos ou aparecem modificados na versão que foi escolhida para publicação, como os poemas “Negros” e “Os feijões”⁸, que discutem o racismo no Brasil e uma questão bastante atual como o ingresso da população negra nas universidades. Não se vê razão para que esses poemas tenham sido omitidos na publicação.

Vejamos o primeiro poema manuscrito e em seguida sua transcrição:

⁷ Refiro-me a um trecho da crônica intitulada “Bailes e divertimentos suburbanos” quando o escritor Lima Barreto fala das mudanças arquitetônicas do Brasil republicano, burguês e importador de costumes europeus: “Nas salas de visitas das [casas] atuais mal cabem o piano e uma meia mobília, adquirida a prestações. Meia dúzia de pessoas numa delas, estão ameaçadas de morrer asfixiadas com janelas abertas” (SCHWARCZ, 2017, p.178).

⁸ Poema “Os feijões” foi transcrito por mim e publicado na revista O Menelick: segundo ato, em 2014, na cidade de São Paulo por ocasião do centenário de Carolina Maria de Jesus. *Conf. GOMES, Christiane. Bitita: para além dos quartos de despejos e das casas de alvenaria. In: Vários autores. O Menelick 2º ato. São Caetano do Sul (SP), ano IV, edição ZERO XIV, out.-nov.-dez.2014.*



IMS: Um Brasil para brasileiros, p.136.

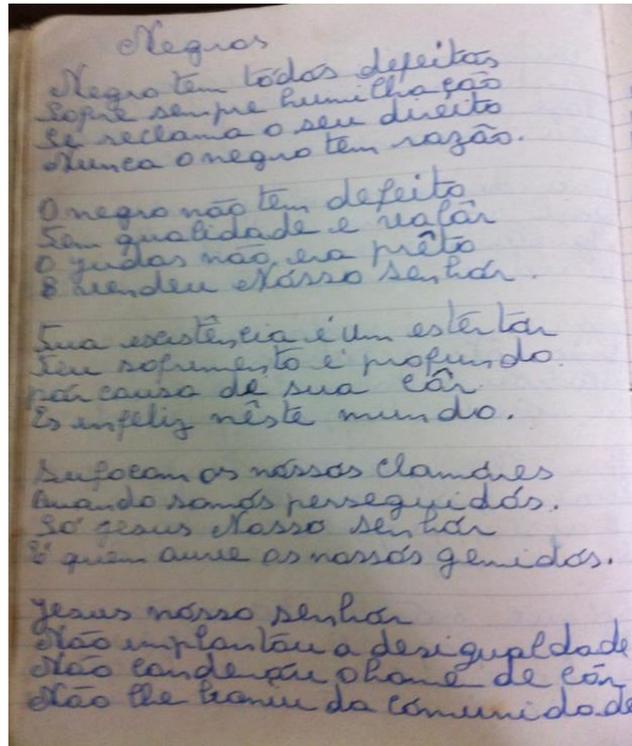
Os Feijões

Será que entre os feijões
Existem o preconceito
Será que o feijão branco,
Não gosta do feijão preto?
Será que o feijão preto é revoltado?
Com seu predominação
Precebe que é subjugado
O feijão branco será um ditador.

Será que existem rivalidades?
Cada um no seu lugar
O feijão branco é da alta sociedade.
Na sua casa o feijão preto não pode entrar
Será que existem desigualdades
Que deixa o feijão preto lamentar
Nas grandes universidades

O feijão preto não pode ingressar
Será que existem as seleções
Prêto pra cá e branco pra lá
E nas grandes reuniões
O feijão prêto é vedado a entrar?
Crêio que no núcleo dos feijões
Não existem as segregações.

A seguir, a versão final do poema “Negros”:



(APMS: Documentos diversos, Fólio s/n).

Negros

Negro tem todos defeitos
Sofre sempre humilhação
Se reclama o seu direito
Nunca o negro tem razão.

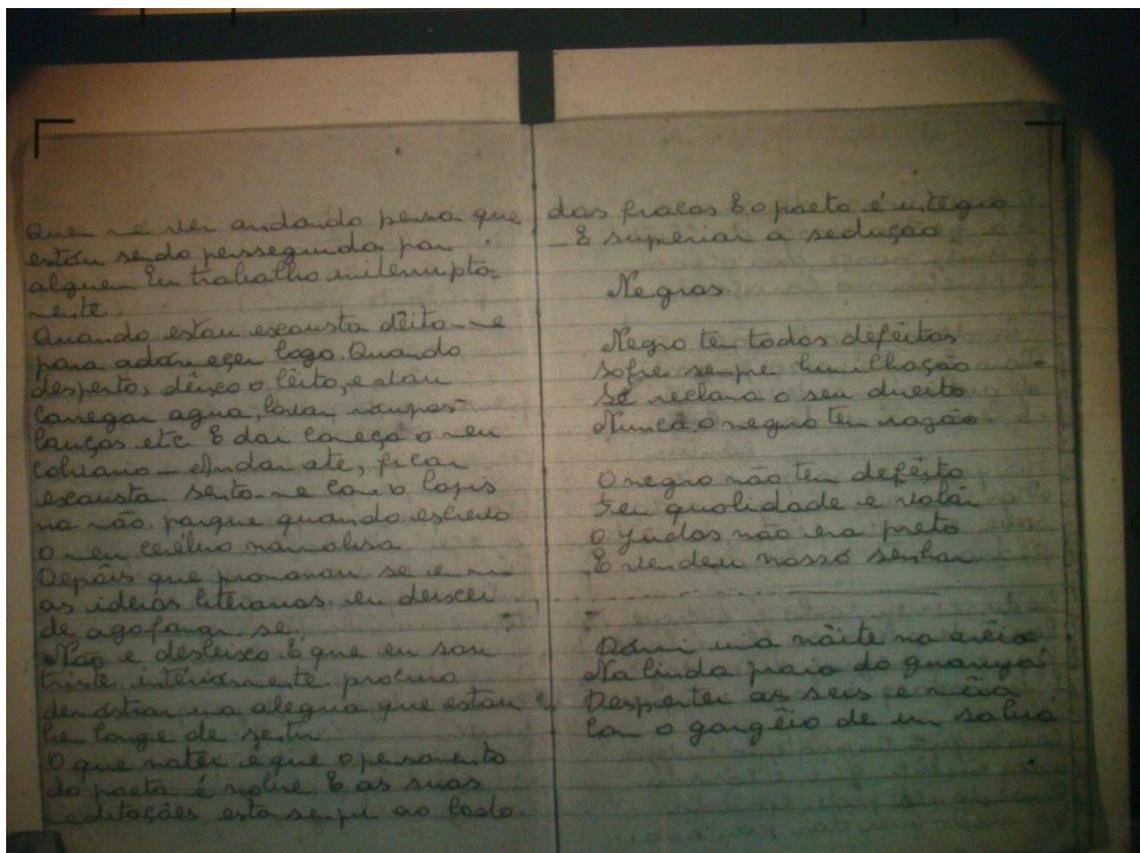
O negro não tem defeito
Tem qualidade e valôr
O Judas não era prêto
E vendeu Nósso Senhor.

Tua existência é um estertor
Teu sofrimento é profundo
Por causa de sua côr
És infeliz neste mundo.

Sufocam os nossos clamores
Quando somos perseguidos
Só Jesus Nosso Senhor
É quem ouve os nossos gemidos

Jesus Nosso Senhor
Não implantou a desigualdade
Não condenou o homem de cor
Não lhe baniu da comunidade.

Carolina escrevia e reescrevia muitas vezes o mesmo texto. No fac-símile a seguir pode-se ver a primeira versão do poema ainda em processo:



(FBN: Miscelânea, Fólio s/n).

Negros

Negro tem todos defeitos
Sofre sempre humilhação
Se reclama o seu direito
Nunca o negro tem razão.

O negro não tem defeito
Tem qualidade e valôr

O Judas não era prêto
E vendeu Nósso Senhor.

A diferença da segunda para a primeira versão é evidenciada quando se constata que aquela foi a última versão registrada em caderno. Portanto, a última versão deste poema, passado a limpo no caderno, foi ainda ampliada com uma sequência de mais três estrofes de quatro versos cada uma. Todas rimadas, seguindo a métrica da redondilha.

No segundo fólio manuscrito fica perceptível o caráter independente de blocos de tempos e de formas de escrita, pois ali são encontrados, numa variedade de gêneros literários, todos misturados aos registros cotidianos, poemas, contos, canções, peças teatrais, cartas, ensaios, aforismos e diários. Esta marca da “poética de resíduos” de Carolina de Jesus demonstra que a escritora escrevia a tempo todo e anotava tudo o que lhe vinha à mente, explorando todos os gêneros que conhecia. Tinha uma variada obra à espera de publicação, e que insistia em anunciar porque desejava muito ver sua escrita em livros:

1º de maio de 1960 (data da apresentação do contrato). Eu disse ao Audálio que vou concluir tudo que tenho iniciado. Mostrei-lhe. A mulher diabólica. Maria Luiza. A saudosa Lucia Benedetti escreveu Maria Luiza eu disse ao Audálio. Mostrei-lhe a Esposa do judeu Errante Ele ia lendo. – perguntei-lhe se vae editar o Clíris? – Disse-me que vae publicar o Quarto de despejo depois edita os versos e os contos (JESUS *apud* PERPÉTUA, 2014, p.241).

Tanto os prefácios dos livros de poemas quanto os de seu livro de provérbios não haviam sido publicados até 2018 conforme ela os redigiu, com exceção para uma versão publicada como “Minha vida” na biografia *Cinderela negra* (2015). Todas as versões dessas narrativas marcam a ligação de Carolina de Jesus com a literatura, desmistificando a máxima de que ela era apenas uma escritora de diários que teria tido a chance de publicar um deles através de um jornalista que a teria “descoberto”.

Nesse sentido, Elzira Perpétua apresenta uma reflexão pelo desinteresse do caráter literário⁹ em troca do “factual” diarístico na obra de Carolina de Jesus:

⁹ Sobre tal tema, cito: “Conceição Evaristo, escritora preta, denuncia essa imobilidade. Imobilidade que acompanhou Carolina de Jesus, preta, favelada, escritora, autora de *Quarto de despejo*, até depois da sua morte. [...] ‘Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio’, diz Conceição Evaristo, [...] ‘as feministas brancas usam uma máxima que escrever é um ato político. Para nós, negras, escrever e publicar é um ato político’. Aos 70 anos, a autora do livro de contos *História de leves enganos e parecenças* recebeu o Prêmio Buriti em 2016. Em 2015, já havia ganhado [o Jabuti] com *Olhos d’agua*” (PIEDADE, 2017, p.22).

Em relação a Audálio, a análise dos manuscritos mostrou que a escrita individual de Carolina foi moldada no livro com o fim de estabelecer uma imagem ideologicamente coerente com o modelo configurador de um sujeito a quem era dada uma voz de protesto contra o modelo econômico brasileiro então vigente. Para compor essa imagem, o editor dos manuscritos declinou de várias outras [imagens] apresentadas por Carolina em seus cadernos. Neles descobrimos uma Carolina inédita nas páginas do diário, configurada por uma personagem complexa, atormentada, dividida por suas contradições. Vemos de que modo ela se debruça diariamente sobre seus cadernos não apenas para registrar a efervescência da favela, mas para refletir sobre a realidade em que vivia e, sobretudo, para registrar suas interrogações sobre a linguagem poética e extravasar na escrita do cotidiano os sonhos de escritora de que se alimentava. Nesses últimos está manifesto o desejo de ser reconhecida não como escritora do diário da favela, mas como poeta. Na leitura dos manuscritos, vamos compondo uma outra imagem de Carolina, a que ela quer que se conheça, a que é vencida pelo peso do que ela denomina “pensamento poético” (PERPÉTUA, 2002, p.38-39).

Este “pensamento poético” da escritora é viabilizado numa linguagem compósita, misturada em seus sessenta anos de depuração, explicitados em reescrituras criteriosas em compasso com seu processo autoficcional. Vale notar alguns versos que aparecem como brevíários a anunciam uma ideia a ser desenvolvida em suas narrativas, longas e curtas, como no caso do seguinte texto: “A bondade e a semente são semelhantes/ A bondade produz a paz universal/ E a semente produz bons frutos”, que aparece anotado alguns fólhos próximos da narrativa “A bondade e a maldade” (JESUS, 2018, p.45).

O pensamento de Carolina de Jesus era proverbial e poético até quando queria ralhar ou agradecer os filhos. Como neste verso escrito para sua filha, a Vera Eunice, e inserido durante a descrição de um dia de catação com a filha pelas ruas de São Paulo:

Vera vieste ao mundo predestinada
Com roupas do lixo foi batizada
Com roupas do lixo foste criada
Com sapatos do lixo andas calçada
Já tens na vida tua carreira!
– Você... vai ser lixeira!
(MAB: Caderno 20, F s/n.)

Logo na sequência dos versos, ela comenta uma série de leituras, anotando junto com poemas dedicados a Maupassant, Casimiro de Abreu, Edgar Allan Poe, Machado de Assis, Camões, Gonçalves Dias, Tomás Antônio Gonzaga, Cervantes, Berardo Guimarães, Euclides da Cunha, Camilo Castelo Branco, Victor Hugo, Harriet Beecher Stowe, entre outros. Em suas palestras, Vera Eunice

relembra a mãe cantando e dançando no barraco com uma vassoura, brincando com seus filhos ou subindo em palanque e tomando de assalto os microfones dos políticos para responder a suas demagogias com poesia de resistência, recitando seus poemas e canções nos lançamentos de seus livros.

Compreende-se a obliteração desses poemas, pois a força transgressora da palavra NEGRO saída da boca de uma mulher negra emblemática e vivenciadora de uma temática descentrada, e questionadora de uma sociedade branca, a mesma que não aceitou sua voz subversiva, talvez por representar uma ameaça de cunho autoral.

Evidentemente, esta subversão foi sendo forjada ao longo das edições de suas obras, camuflando esses conteúdos, assim como a literalidade particular, estes elos fundamentais que redefinem hoje a constituição do que vem a ser a Literatura negra ou Literatura afro-brasileira.

Também no exterior Carolina de Jesus foi preterida:

16 de janeiro de 1960 ... Fui no correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...). Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolvia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra. / Para dissipar a tristeza que estava arroxendo a minha alma, eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá. Disse-lhe que tinha retirado os originais do Correio e estava com vontade de queimar os cadernos (JESUS, 1960, p.147-148).

Nesta fusão de elementos, uma das características principais da obra de Carolina de Jesus, formam-se misturas populares brasileiras com a forma erudita europeia. Ela fez na literatura o que Chiquinha Gonzaga (1847-1935) fez na música brasileira no século XIX, colaborando para a consolidação de um estilo musical que irradiou no século XX, assim como Carolina de Jesus é percursora da autoria negra na literatura brasileira. O aspecto do ritmo na poesia de Carolina de Jesus evidencia síncopes dos falares brasileiros das classes populares; em seus poemas, associados à temática dos românticos, ela usa palavras sofisticadas típicas da erudição romântica.

Os poemas de Carolina de Jesus podem mudar a imagem cultural que outros países têm do Brasil, questionando e desconstruindo relatos oficiais – como o mito da democracia racial, por exemplo – trazendo à luz histórias por muito tempo apagadas e/ou esquecidas. Apesar dos recortes, ao comentar os poemas do livro publicado a pesquisadora Amanda Crispim evidencia uma escrita na contramão:

[...] Há nesses versos a coragem e originalidade da escritora em ultrapassar os limites do testemunhal, reservando à escrita de mulheres na época, e adentrar um espaço que era difícil até para as mulheres “estudadas” e brancas – a poesia. Uma poesia que feria o cânone brasileiro, não só ao adentrar um lugar que não era seu, mas ao “deixar escapar” seus desvios agramaticais, inadmissíveis em poesia. O que há é uma tolerância à infração, porém não se tolera o desconhecimento do que se infringe, que era o caso de Carolina. O “erro” em Carolina não era estratégico, como nos escritores modernistas, mas desconhecimento da forma culta, pois uma das marcas de Carolina era justamente a hipercorreção. Como os escritores que influenciaram sua escrita, ela fazia questão de recorrer ao dicionário, pesquisar novas e belas palavras, imitar a linguagem do Romantismo, Parnasianismo, entre outras Escolas que, unida à linguagem da favela, revelavam sua escrita singular (CRISPIM Apud ARRUDA, 2016, p.104).

Finalizando, penso que Carolina de Jesus foi uma grande escritora porque era uma leitora sagaz e arguta, inclusive chamando nossa atenção para o fato de ter compreendido o que é poesia lendo um livro de poemas:

Procurei numa livraria um livro de poeta, porque o senhor que estava no ônibus disse que poeta escreve livros, pedi:

- Eu quero um livro de poeta!

O livreiro deu-me: – Primaveras, de Casimiro de Abreu.

E assim fiquei sabendo o que era ser poetisa. Cheguei em casa com o espírito mais tranquilo. Fiquei sabendo que as palavras cadenciadas eram as rimas (MEIHY, 1994, p.186).

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. C. Para além do testemunho, a obra poética de Carolina Maria de Jesus. In: Aline Alves Arruda; Iara Christina Silva Barroca; Luana Tolentino; Maria Inês Marreco (Orgs.). *Memorialismo e resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*. 2015. Tese (Dourado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu sonho é escrever*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes felicidade?* São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. José Carlos Sebe Bom Meihy (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MÜLLER, Tânia M. P. e CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Apris, 2017.

MEIHY, J. C. S. e LEVINE, Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus. Sacramento: Editora Bertolucci, 2015.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 01/05/2018

Aprovado em sistema duplo cego em: 04/06/2018.